

IDENTIDADES E A NOVA ORDEM LITERÁRIA

*Daniel dos Santos Fernandes
Universidade Federal do Pará*

RESUMO: É o esforço na busca de estudos literários mais comprometidos com a sociedade, em seus vários matizes, oportunistas do processo de apreender a partir de um hábil instrumento social chamado literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; Cultura; Ideologias, Hibridismo.

ABSTRACT: It is an effort in searching of literary studies more committed with the society, in your several shades, which give opportunity of apprehending process from skilled social instrument called literature.

KEY WORDS: Identities; Culture; Ideologies, Hybridism.

Não há um único documento de cultura que não seja também um documento de barbárie. E a mesma barbárie que o afeta, também afeta o processo de sua transmissão de mão em mão.

Walter Benjamin

A questão das identidades está intimamente ligada ao que entendemos por cultura. O conceito de “*cultura se refere à totalidade daquilo que os indivíduos aprendem, enquanto membros de uma sociedade; (grifo nosso) é um modo de vida, de pensamento, de ação e de sentimento*” (Chinoy aud Nidelcoff, p. 33). Devemos observar que o conceito de sociedade, nação, com o advento da contemporaneidade, é sobremaneira questionado. A partir daí, é deveras importante nos tornarmos mais específicos e observarmos a existência de variantes grupais dentro de grupos já existentes no que anteriormente reduzíamos a apenas sociedade, ou seja, cultura, além de ser o *modus vivendis* de uma “sociedade una”, se estende para os diversos grupos formadores desse macro sistema. A importância desse enfoque para o processo de apreender através da literatura é capital, pois em face dessa abordagem tem o estudioso das

literaturas que estar muito atento ao uso das classificações: erudito/popular, certo/errado, superior/inferior, pois devido à sociedade de classes em que vivemos determinar, através do uso de critérios culturais da classe dominante, o que seria o padrão e o não padrão. A expressão cultural, apenas com a modalização a partir do padrão e suas expressões dominantes, pode tornar-se um instrumento de acessibilidade ao espaço social dominante, e a não obediência pode intensificar um fator de exclusão social. Nesse ponto, entra a contribuição do estudioso das literaturas como instrumento facilitador da manutenção do *status quo* do modelo dominante do ver literário — até por formação acadêmica, já que é fruto da cultura dominante —, e raramente como um tradutor do espaço de conflito, a serviço da diversidade cultural.

O processo cultural de superavaliação do formalmente estabelecido, a partir de modelos ideológicos criados, dá origem a um modelo litero-cultural criado pela classe dominante e ratificado por diversas instituições sociais, em detrimento da produção não dominante. Assim, a produção litero-cultural não alinhada a este modelo será excluída em favor da alinhada e o estudioso das literaturas passa a ter o parâmetro do que classifica como “superior” ou “inferior”. Em verdade, não fazemos uma apologia à produção litero-cultural não alinhada em detrimento da alinhada, mas, uma abordagem mostrando o quanto o *processo de apreender* através da literatura convive durante muito tempo com o risco de ser apenas um simples *processo de aprender*, e inibindo a socialização de conhecimento fornecida com a produção litero-cultural das manifestações das diversas identidades culturais, e o que é pior, ajudada por nossos estudiosos das literaturas — que, agindo dessa forma passam a ser um instrumento a favor da exclusão.

Apesar da questão das identidades ser muito complexa, é pertinente um breve entendimento a partir de Stuart Hall e sua taxionomia do sujeito e interação social. Assim temos: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo está baseado na centralidade, o centro do eu é a identidade da pessoa, o que nos remete ao individualismo. O sujeito sociológico remete ao não autônomo e auto-suficiente, constituía-se da relação

com outras pessoas, as quais mediavam a cultura a qual ele estava inserido e, a partir desse processo, surge o sujeito pós-moderno que é conceituado como não tendo identidade fixa que adviria de uma *celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam* (Hall, 2000). Dessa forma, ocorre o que pode ser chamado de desagregação ou deslocamento do sujeito moderno. É do sujeito pós-moderno que partirá o estudioso das literaturas seu enfoque analítico, pois, daí surge o argumento de que as identidades ditas nacionais não são natas, mas produtos do interior da representação, que foi construída com base na homogeneidade. As culturas nacionais não são apenas formadas de instituições culturais. Na verdade, carregam símbolos e representações de um segmento dominante narrador da “narrativa nacional”. Ele é o discurso. Temos, então que:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. (Hall, 2000, 23)

Não podemos mais enxergar a idéia de nação como identidade cultural unificada e sua conseqüente produção litero-cultural. Essa idéia não contempla todas as formas de diversidade que compõe os jogos ideológicos. O aspecto do discurso tem que levar em consideração a importância da narração das diversas identidades inseridas na narrativa nacional.

Um novo conceito está sendo desvelado ao mundo, a partir da formação de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por gente que foi dispersa definitivamente de sua terra natal, sem, no entanto cortar os fortes vínculos de sua origem e tradições. Aprende a negociar com as novas culturas com que está vivendo, sem negar as trazidas por ela e que estão marcadas em seu ser. Daí surge o que chamamos de cultura híbrida, produto de várias histórias e culturas interconectadas e sua produção litero-cultural. A exemplo de:

O livro Versos Satânicos celebra o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação, que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, músicas. O livro alegra-se com os cruzamentos e teme o absolutismo do Puro. Mélange, mistura, um pouco disso e um pouco daquilo, é dessa forma que o novo entra no mando. (RUSHDIE)

É, também com esse novo tipo de realidade que o estudioso das literaturas tem que aprender a conviver, e principalmente respeitar, já que esse novo modelo cultural interfere na cultura dominante tem reflexo no modelo literário, que é um instrumento de excelência na transmissão cultural de uma sociedade ou grupo social. Torna-se fundamental, com o surgimento dessa nova ordem literária, a busca, o estudo aprofundado dos novos modelos, para que pelo menos não se incorra em um preconceito literário e conseqüente falácia da teoria que não explica o *ethos* do que se presume explicar, pois os instrumentos analíticos não são adequados ao surgimento do *foccus* literário impiedosamente velado, em nome de uma tendenciosa estética do dominante.

Na verdade, o estudioso das literaturas se encontra mais uma vez em um espaço de conflito, que deve ser gerenciado de forma inteligente e menos injusta possível, pois o fenômeno da globalização do qual decorre uma nova ordem literária, tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultural única ou nacional. Como mais um fator complicador, surge a questão da dicotomia tradição/tradução presente nesse processo de diversidade cultural, ficando o estudioso das literaturas com uma forte missão mediadora na socialização do conhecimento diversificado. Com esse panorama flutuante e extremamente diversificado, faz-se necessário que o estudioso das literaturas seja também um instrumento sensível à nova ordem literária, do contrário incorreria em falácia sua denominação e conseqüente objetivo, os estudos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques. *Fronteiras do literário*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. *Uma Escola para o Povo*. 34. ed. São Paulo.